

PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL: RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES

Roberta Espote
Fernanda Pavão Correia
Helena de Ornellas Sivieri-Pereira
(Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM)

Resumo

Considerando a possibilidade de contribuir com a ampliação de novas práticas e contextos na área de Psicologia Educacional foi desenvolvido um estágio cujo principal objetivo foi identificar, junto aos educadores de uma ONG, as principais questões relacionadas à sua experiência profissional e implementar um trabalho de escuta e de intervenção psico-educacional-social. Foi utilizado o Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp (ISSL) para avaliação dos grupos e, em seguida foram realizados encontros quinzenais com dinâmicas e vivências grupais construídas em conjunto criando um espaço de acolhimento e reflexão. O espaço do grupo passou a ser valorizado entre os educadores, e houve ampliação do autoconhecimento e conhecimento do outro contribuindo para fortalecimento das relações de equipe.

Palavras-chave: Psicologia Educacional; Grupos; Educadores.

Abstract

Psychology School-NGO Educational in: stage's report with a group of educators

Considering the possibility of contributing to the expansion of new contexts and practices in the area of Educational Psychology a stage has been developed whose main objective was to identify, together with educators from an NGO, the main issues related to their professional experience and implement a work of listening and psycho-educational intervention-social situations. We used the Inventory of Stress Symptoms for adults Lipp (ISSL) to review the groups. Meetings were held fortnightly with group dynamics and experiences built together and creating a welcoming and reflection. The space group was valued among educators, and has expanded the knowledge of self and others and has contributed to strengthening team relations.

Keywords: Educational Psychology; Groups; Educators.

Introdução

De acordo com Giongo e Oliveira-Megotto (2010), “ainda é comum presenciarmos equívocos acerca do papel

do psicólogo na escola, especialmente, sobre suas possibilidades de intervenção” (p.869). Segundo a pesquisa realizada pelas autoras, os professores acreditam que o papel do psicólogo está relacionado apenas com os alunos, sendo assim, o psicólogo ajudaria os professores quando pudessem oferecer soluções mágicas para os alunos considerados “problemas”, em outras palavras, os professores não consideram o psicólogo “como um profissional que trabalha em parceria com outros profissionais auxiliando na construção de novas concepções e olhares acerca do aluno e da escola.” (Giongo & Oliveira-Megotto, 2010, p.866-867). Ainda segundo as autoras, essa concepção errônea a respeito da atuação do Psicólogo no contexto educacional, é consequência do histórico da Psicologia Escolar no Brasil, que teve um início muito limitado, que realmente considerava apenas o aluno e utilizava de estratégias clínicas para enquadrá-lo dentro dos parâmetros almejados, desconsiderando o amplo número de fatores que se relacionam dentro de uma realidade escolar. Sivieri-Pereira (2012) ainda acrescenta que mais do que um mal-entendido com relação a prática do psicólogo na educação há um “

‘mal-explicado’, pois, a área educacional foi negligenciada pela Psicologia, tanto no que se refere aos currículos de Formação de Psicólogos quanto à atuação dos psicólogos no mercado” (p.96).

A Psicologia Educacional surgiu de forma descontextualizada e sem a preocupação com fatores sociais, a princípio era baseada na ideia de que todos os problemas que surgiam eram por conta de indivíduos que não aprendiam. (Giongo & Oliveira-Menegott, 2010, Santos et al.) Estes indivíduos eram culpabilizados por suas dificuldades e a atenção nunca se voltava para uma visão mais ampla e que englobasse a questão social. Toda a responsabilidade do fracasso escolar recaía sobre os próprios alunos. Assim, a expectativa para a atuação do Psicólogo era a de que este trabalhasse com os alunos considerados desviantes, de maneira a adaptá-los às normas, à forma como eram ensinados e à escola como um todo. Através da utilização, nem sempre baseada na ética, de instrumentos como testes psicológicos, muitas vezes os alunos acabavam sendo rotulados como alunos-problema (Andrada, 2005).

Contudo, começou a ser percebido, tanto pela comunidade, quanto pelo meio

**PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL:
RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES**

científico e profissional da Psicologia, que essa forma de atuação da psicologia nas escolas não atendia às necessidades postas pelo processo educacional e, conseqüentemente, passou a ser muito criticada e questionada. Novas propostas de práticas interventivas começaram a ser implementadas dando mais voz aos alunos e professores, e considerando todos os fatores envolvidos no desenvolvimento educacional do indivíduo. A necessidade de ampliação refletiu até no surgimento de outra terminologia mais abrangente - Psicologia Educacional – que abarca os vários aspectos da educação em diferentes contextos, não se limitando apenas ao espaço da escola, já que a educação vai muito além da instituição escolar, visto que ela pode ocorrer em variadas situações e locais, direcionada para distintas demandas, favorecendo o desenvolvimento de potencialidades e promovendo qualidade de vida e saúde. (Santos et al., 2009)

O CFP na Resolução nº 014/00 coloca como atividade do Psicólogo Educacional a possibilidade de aplicar seus conhecimentos para análise e intervenção em aspectos referentes ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família-escola-comunidade de forma a promover o desenvolvimento

integral do ser, podendo, ainda, verificar a repercussão no ensino que as relações entre os diversos sistemas podem gerar elaborando intervenções que atendam necessidades individuais. (Andrada, 2005). Desta forma, ao se adotar esse novo pensamento em relação ao papel da Psicologia no contexto educativo, fica claro as amplas possibilidades de atuação do Psicólogo. Esse profissional pode participar de reuniões com a equipe pedagógica, criar espaço para escutar as demandas, proporcionar reflexões, trabalhar as relações interpessoais e pensar maneiras para lidar com situações cotidianas. Pode trabalhar diretamente com os alunos, com a família e também toda a equipe de educadores, assim como criar novas práticas e olhares sobre as situações que aparecerem e auxiliar na construção do Projeto Político Pedagógico da escola. (Andrada, 2005).

Sendo assim, entende-se a necessidade de ampliação da prática do Psicólogo no âmbito da educação. Para isso, é necessário um “redimensionamento da Psicologia Escolar, buscando novas intervenções junto à escola e à educação e, sobretudo, possibilitando a construção de espaços de pensar crítico e criativo na escola” (Giongo & Oliveira-Megotto, 2010, p.870) Foi considerando a

necessidade de redimensionar a prática do Psicólogo Educacional, que a alteração do foco do trabalho do aluno para o professor e outros “atores” envolvidos no processo educacional começou a ganhar espaço.

Sabe-se que algumas profissões predisõem mais a situações estressantes, principalmente as que exigem um contato diário com outro ser humano. Os educadores, por exemplo, se deparam com variáveis que podem contribuir para um desequilíbrio que prejudica sua saúde física e mental, atrapalhando seu desempenho em atividades habituais e ameaçando a autoestima e o bem-estar (Goulart Junior & Lipp, 2008). A evolução do estresse pode chegar a um nível crônico e como consequência disso é possível o desenvolvimento da Síndrome de Burnout. Ela é resultado de um estresse típico do trabalho, principalmente quando há muitas cobranças e pouco reconhecimento. Essa síndrome é caracterizada pela falta de energia, esgotamento emocional, distanciamento e impessoalidade com pessoas do convívio de trabalho e uma sensação de falta de competência (Carlloto, 2011). Quando o estresse é excessivo ele pode causar consequências negativas nas relações familiares, profissionais e sociais.

“O estresse é empregado como sinônimo de cansaço, dificuldade, frustração, ansiedade, desamparo, desmotivação. Tornou-se o responsável pela maioria dos males que nos afligem” (Murofuse, Abranches & Napoleão, 2005, p.257). Estes dados mostram a importância de se atentar para esta problemática e pensar em intervenções possíveis, desta forma, a atuação da Psicologia pode ser vista no sentido de prevenir o estresse, assim como uma forma de auxiliar a lidar com essas situações.

O desenvolvimento de uma formação continuada está entre as ações da Psicologia Educacional que podem ser consideradas interventivas no caso do estresse. Alguns autores definem essa formação como uma prática reflexiva na escola, que envolve as experiências e saberes que derivam do cotidiano. (Carvalho, 2005; Sivieri-Pereira, 2012) Segundo Leite e Aranha (2005) estudos realizados mostram que a implementação de reflexões sobre a prática, leva os educadores a produzirem ações que beneficiam o desenvolvimento dos alunos, além de poderem sentir-se mais satisfeitos ao desempenharem suas atividades e diminuírem os níveis de estresse de seu

**PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL:
RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES**

dia-a-dia. Esta reflexão e este espaço de crescimento dos educadores são muito importantes frente à mobilização de recursos para o desenvolvimento dos profissionais, de suas competências e de estratégias para lidar com algumas situações.

Para que se possa planejar um processo de formação profissional, é necessário compreender que as competências próprias a uma atuação requerem a expressão de recursos subjetivos e objetivos dos sujeitos, manifestos por meio de recursos pessoais, interpessoais, cognitivos, éticos, tácitos, entre outros que compõem o perfil pessoal e profissional do ser trabalhador (Soares & Araujo, 2010, p.51).

De acordo com uma pesquisa realizada por Sivieri-Pereira (2012), houve um número significativo de professores que quando indagados sobre o que gostariam de ter em sua formação, indicaram a necessidade de trabalhar questões pessoais.

Acredita-se que, ao se enfatizar a formação técnica-teórica, ou mesmo as atuações práticas, sem se olhar para o ser humano por trás destas teorias e destas práticas, corre-se o risco de perpetuar a supremacia do conhecimento acadêmico ao

conhecimento reflexivo sobre sua prática do dia a dia. (Sivieri-Pereira, 2012, p.94).

Não se trata de fazer uma cisão entre aspectos pessoais e profissionais, pelo contrário, há uma necessidade de conhecer e articular o processo educacional como um todo, e nisso inclui olhar para a pessoa que está por trás do professor. “É necessário que o professor entre em contato com suas dimensões pessoais, por meio do autoconhecimento, para, então, refletir sobre a interação destas com as dimensões profissionais da profissão docente” (Sivieri-Pereira, 2012, p.97). Este é um dos pontos importantes que vem mobilizando a Psicologia Educacional na proposta de suas ações, ou seja, desenvolver recursos pessoais em todos os envolvidos no processo educacional.

Considerando então a necessidade de um trabalho voltado para os professores é necessário pensar em estratégias que possam viabilizar o trabalho de forma eficaz. Dentre todas as possibilidades, se destaca a utilização de formação de grupos, a fim de proporcionar um espaço para reflexão. Rogers (1980) afirma que desde os primeiros estudos sobre a eficácia de grupos conclui-se que “os indivíduos viviam frequentemente experiências muito profundas de mudança através da relação

de confiança e de interesse que se desenvolvia entre os participantes” (p.13). Porém, mesmo que os grupos sejam apontados como estratégias eficazes para gerar reflexão, Emílio (2004), afirma que as intervenções de grupos dentro das escolas ainda é uma estratégia muito pouco utilizada. Entendendo que, o grupo é composto por “pessoas que estão juntas por algum tempo e que fazem parte do mundo interno umas das outras, ou seja, há algum nível de familiaridade, e compartilham de uma tarefa, pelo menos explicitamente (podem haver motivações inconscientes opostas, num mesmo grupo)” (Emílio, 2004, p.26), não aproveitar das condições que o próprio contexto educacional oferece já tendo os grupos formados naturalmente em decorrência da condição do trabalho se torna até contraditório. Zimermam (2004), afirma que pelo fato dos professores serem um grupo de pessoas dentro de uma instituição, haverá conflitos entre eles que influenciarão diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Para o autor, “a existência de problemas numa Escola é inevitável e, por si, não se constitui como um problema preocupante. O problema, mesmo, consiste na inexistência da criação

de apropriados espaços na Escola, onde as distintas problemáticas possam ser ventiladas e debatidas” (Zimermam, 2004, p.14). O psicólogo pode atuar de forma a contribuir para o desenvolvimento desses profissionais e torná-los mais aptos para sua prática, assim como pode favorecer a compreensão das funções, do perfil e das responsabilidades desses sujeitos (Soares & Araujo, 2010). A intervenção junto a uma equipe de qualquer instituição pode melhorar as relações interpessoais que se estabelecem e conseqüentemente afetar positivamente outras atividades que são realizadas por essa equipe.

Considerando isso, justifica-se a importância da criação de um espaço de acolhimento com uma escuta diferenciada para os educadores possibilitando reflexões acerca de suas questões pessoais, conflitos e dificuldades, de forma a auxiliá-los em sua prática profissional. Sendo assim, através da prática de um estágio curricular do curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), objetivou-se identificar junto aos educadores de uma Instituição Educacional da cidade de Uberaba, as principais questões relacionadas à sua experiência como profissionais e implementar junto a

**PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL:
RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES**

eles um trabalho de escuta e de intervenção psico-educacional-social, visando contribuir para promoção da saúde da equipe e para o melhor desenvolvimento de suas atividades profissionais, promovendo assim, indiretamente, uma melhoria no processo educacional.

Metodologia

A princípio foi firmado um convênio de estágio com uma Associação Beneficente e Cultural da cidade de Uberaba, que já havia manifestado o interesse em receber o estágio de Psicologia. Nesse primeiro contato com a instituição, a supervisora do estágio e as duas estagiárias apresentaram a proposta de trabalhar com grupos de educadores, definindo-se o dia e hora em que o estágio seria realizado. Após esse primeiro contato com a coordenadora da instituição, foi feito um primeiro encontro com os educadores, afim de explicar também para eles a proposta do estágio, ressaltando a não-obrigatoriedade de participação e verificando também os interesses e expectativas do grupo. Como no único horário disponível entre estagiárias e a Instituição não era possível a participação de todos os educadores, os próprios educadores definiram que se organizariam

em dois grupos, de forma que as estagiárias estariam realizando as atividades toda a semana, mas o trabalho com cada equipe aconteceria de 15 em 15 dias.

O estágio foi dividido em duas partes, primeiramente, após a criação de um bom vínculo com o grupo, foi feito um diagnóstico inicial do nível de estresse através do Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp (ISSL). O ISSL, é um instrumento que se destina a avaliar se o indivíduo apresenta estresse, e quando sim, o nível em que ele se encontra e os sintomas prevalentes (físicos ou psicológicos). De acordo com a autora do teste, Lipp (2000), o estresse pode ser dividido num modelo quadrifásico: alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão, sendo que dependendo da fase que a pessoa se encontra, e se a predominância do estresse é mais físico ou psicológico, haverá uma conduta interventiva mais adequada. Para Lipp (2000) o estresse é quase sempre reversível, e o diagnóstico não deve nem ser agravado nem minimizado. As respostas individuais do resultado do teste foram entregues para cada educador que houvesse se identificado e com isso manifestado interesse em conhecer seu resultado individual. Porém o objetivo da utilização

desse instrumento foi que com base em um levantamento do estresse geral do grupo, pudesse se pensar em propostas interventivas mais adequadas.

O segundo momento do estágio foi caracterizado com as atividades interventivas, com o objetivo de se trabalhar aquilo que ia se mostrando de mais emergente em cada grupo. Não houve uma pré-determinação sobre a forma com que os grupos deveriam acontecer, desde o primeiro momento com os educadores ficou combinado que seria uma construção e que eles teriam participação ativa no trabalho, apesar disso a proposta consistia na criação de um espaço onde os educadores pudessem falar sobre questões pessoais que os afligiam, um momento para falar sobre eles. Apesar de não definido previamente, entende-se que a construção dos grupos aconteceu dentro da proposta de grupos de encontro, já que de acordo com Rogers (1970), esse tipo de grupo “pretende acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, através de um processo experiencial” (p.14)

Como forma de sensibilização e para estimular reflexões, foram utilizadas as

dinâmicas de grupo, que de acordo com Failde (2007) são “atividades que facilitam a sensibilização e a conscientização e que incentivam o indivíduo a ir em busca do autodesenvolvimento na vida pessoal, profissional e grupal. Trabalhar com dinâmicas de grupo significa manter a percepção e a mente aberta para todas as ocorrências.” (p.20). As dinâmicas de grupo não foram definidas previamente, foram sendo pensadas em decorrência do andamento das atividades e necessidades que surgiam em cada grupo, sendo assim, tinham objetivos variados conforme os encontros. As estagiárias utilizaram de algumas dinâmicas de grupos já estabelecidas e encontradas em livros e/ou meio eletrônicos e por vezes essas dinâmicas eram criadas pelas próprias estagiárias de forma a se adequarem melhor ao objetivo pretendido.

Ao longo do estágio, as atividades realizadas nas instituições foram acompanhadas em encontros semanais das estagiárias com a supervisora responsável. Nestes encontros eram relatados todos os acontecimentos importantes da atuação da Psicologia com os grupos de educadores. Esta supervisão também foi destinada para a reflexão sobre o trabalho realizado,

PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL: RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES

programação de atividades seguintes, assim como para esclarecimento de dúvidas.

Ao final do estágio, foi feita uma atividade de encerramento e devolutiva com cada grupo, e ainda um último encontro com a presença das estagiárias e supervisora do estágio com os educadores, com o objetivo de fechamento e avaliação do estágio buscando ouvir dos educadores suas opiniões com relação ao trabalho realizado e também dar uma devolutiva geral para a instituição.

Resultados e Discussões

A instituição na qual foi realizado o estágio é uma associação beneficente – ONG – administrado por religiosos destinada a acolher e promover a inclusão de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade econômica, risco pessoal e exclusão social. Sendo assim, o objetivo pensado primeiramente para o estágio teve de ser alterado no que se refere ao público alvo, que passou de apenas professores para todos os educadores. Com isso a proposta do estágio foi ampliada, já que para a própria instituição, educadores seriam todos aqueles que tivessem qualquer contato com os menores, não só os profissionais que trabalham em sala de

aula, mas também os funcionários da limpeza, cozinha, secretaria e transporte.

Esta instituição já tinha recebido estagiários de Psicologia em trabalho com as crianças e estavam necessitando de um trabalho com os educadores, por isso aceitaram muito bem a proposta do estágio. Era do conhecimento deles a amplitude de atividades que um psicólogo pode desenvolver em uma instituição educacional, o que não está presente em todas as escolas. A equipe é composta de 10 funcionários, e devido a impossibilidade de horários comuns entre a equipe toda e as estagiárias, houve uma organização por parte da instituição, dividindo a equipe em dois grupos para a participação dos encontros, de forma que fosse possível a presença de todos. A partir disso notamos que o trabalho foi bem aceito desde o início, pois de fato houve um movimento para possibilitar o estágio na instituição.

Ficou claro que a possibilidade de trabalhar com todos os funcionários, e não só com os professores, foi muito positiva no sentido de ampliar a atuação de forma com que essa fosse mais eficaz. Considerando que um dos objetivos do estágio era de facilitar o diálogo e favorecer o sentimento de equipe, foi de extrema importância a articulação dos

diversos pontos de vistas que surgiram variando de acordo com a função que cada um exercia dentro da instituição, sendo útil no sentido de promover uma maior integração e um fortalecimento da equipe como um todo, e o trabalho não ficou limitado apenas a um segmento de funcionários.

O fato da instituição possuir uma responsabilidade social muito grande e trabalhar com uma população em situação de risco e vulnerabilidade pode acarretar dificuldades dentro da equipe, que se depara com situações muito difíceis e que muitas vezes sente-se cobrada a obter soluções que fogem de suas possibilidades, o que leva a uma grande frustração. O ser humano está submetido a mudanças rápidas e significativas em diferentes setores de sua vida. O ajustamento a essas mudanças vai requerer do indivíduo uma desenvolvida capacidade adaptativa. Haverá forte necessidade de mobilização de energia física, mental e social para que essa adaptação ocorra. No entanto, pode acontecer acentuada incongruência entre sua capacidade de adaptação em relação à velocidade das transformações, gerando uma situação

de conflito e desequilíbrio e instalando-se, assim, as situações de estresse (Goulart Junior & Lipp, 2008, p.848).

Quando o estresse é excessivo ele pode causar consequências negativas nas relações familiares, profissionais e sociais. A presença e a importância da Psicologia no auxílio do dia a dia desta equipe e no contato com estes alunos em situações tão difíceis se faz justificada em instituições com este caráter social. É importante que haja um cuidado consigo próprio, para que se possa realizar as atividades cotidianas de forma saudável e eficiente. Segundo Foucault (1987), para que as pessoas possam se relacionar com os demais de forma adequada e exercer sua liberdade de controle sobre si, é preciso ocupar-se de si mesmo, como uma forma de aperfeiçoamento pessoal.

Foi possível perceber que no primeiro encontro com os educadores, quando foi explicado a proposta do trabalho, houve um certo estranhamento por parte deles com relação a proposta de atuação. Foi possível perceber isso devido às várias perguntas que foram feitas com relação a possibilidade de aproveitar o grupo para falar das questões complicadas relacionadas com as crianças, e ao ser

**PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL:
RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES**

explicado que o espaço era destinado à eles foi possível sentir certa decepção, como se eles sentissem que um trabalho voltado para eles não fosse auxiliá-los em suas dificuldades, tendo isso sido até verbalizado por alguns. De acordo com Giongo e Oliveira-Megotto (2010), é comum que os professores considerem que a atuação do Psicólogo na escola deva acontecer apenas com os alunos, sendo assim, uma proposta que difere da ideia que se tem no senso comum, naturalmente causaria estranhamento. Porém, esse estranhamento foi apenas no início, já que no decorrer dos encontros percebemos que a grande maioria aderiu ao grupo que foi criado, havendo grande participação de todos, com poucas faltas, se mostrando bastante colaborativos durante as atividades. Pudemos perceber assim, mais uma vez, a valorização do trabalho da Psicologia por parte da instituição.

Foram realizados ao longo do semestre 7 encontros com o grupo A e 7 com o grupo B (incluindo o encontro inicial e o final com os grupos juntos). O grupo A foi formado com 4 educadoras e mostrou-se desde o início aberto ao trabalho, chegando a verbalizar que compreendiam a importância daquele espaço para elas. Este grupo se mostrou bem unido e já com alguma intimidade

entre as educadoras, o que facilitou o trabalho, porém os encontros puderam intensificar a boa relação entre elas, clareando até alguns maus entendidos, por exemplo, devido ao fato de cada uma exercer uma atividade diferente dentro da instituição, muitas vezes não encontravam tempo e oportunidade para conversar sobre alguns assuntos apesar de saberem um pouco da vida umas das outras. Em um dos encontros enquanto uma das educadoras relatava uma dificuldade pessoal outra educadora afirmou que ficava incomodada ao ouvir aquele relato, pois lembrava de uma situação parecida por qual tinha passado, a primeira ficou surpresa dizendo depois que entendia as reações dela como críticas e a segunda se explicou dizendo que na verdade entendia tudo o que ela estava passando e sentia compaixão.

Segundo o relato das educadoras, o trabalho do grupo gerou maior compreensão entre elas, influenciando no dia a dia do trabalho e proporcionando um ambiente mais leve e acolhedor. De acordo com elas, através desse conhecimento interpessoal, ficou mais fácil entender as colegas e respeitar seu espaço quando necessário, também foi possível perceber que as educadoras desse grupo passaram a se relacionar de uma maneira mais apoiadora durante a jornada de trabalho, podendo

enxergar uma na outra alguém para compartilhar as situações. Segundo Rogers (1970), pode-se afirmar que o grupo se desenvolveu a um nível de estabelecer a confiança, e "faz parte do processo, mais cedo ou mais tarde, a expressão clara de sentimentos experienciados no momento imediato por um membro em relação ao outro" (p.32). No caso desse grupo, essa questão pode ser observada durante os encontros e também nas histórias em que as educadoras contavam sobre a rotina do dia a dia.

Acredita-se que o fato do grupo ser composto apenas por mulheres, incluído as duas estagiárias, favoreceu o aparecimento de questões relacionadas à mulher e ao seu papel, assunto que estava intimamente ligado aos conflitos pessoais das educadoras. Não houve dificuldade por parte de cada uma em expor questões pessoais, que surgiram muitas vezes ao longo dos encontros fomentando as discussões que acabou se tornando o foco desse grupo: elaborar conflitos pessoais, buscando uma visão mais próxima da realidade considerando aspectos positivos e negativos da situação e da própria conduta, além de pensar sobre estratégias de enfrentamento. Falar sobre conflitos

pessoais e o ambiente de escuta e compreensão que foi sendo gerado entre as participantes favoreceu a criação mais rápida de uma identidade para o grupo e o fortalecimento do vínculo entre elas. Já no primeiro encontro com o grupo foi pedido que elas desenhassem um objeto que as representasse naquele momento de vida atual, e de imediato surgiram os conflitos pessoais, a princípio todas focavam apenas no âmbito negativo da questão. Como exemplo, podemos citar o momento em que uma delas, ao desenhar uma lupa afirmou, que só agora via como uma família podia ser desestruturada, mas com o auxílio das estagiárias e em acordo com o grupo ela foi capaz de entender que a mesma lupa, se direcionada para outro lugar, ampliaria também as coisas boas da vida. Nesse mesmo encontro, as estagiárias puderam unir os 4 desenhos mostrando de que forma eles se relacionavam e isso contribuiu para a formação de um bom vínculo no grupo, elas começaram a entender que poderiam se ajudar e de alguma forma começaram a usar o grupo para descobrir como isso se daria.

Percebeu-se um movimento do próprio grupo em refletir sobre as questões complicadas que surgiam nos relatos das

**PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL:
RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES**

outras e pensar em possibilidades para agir, isso não só auxiliava quem estava relatando a dificuldade, mas fazia com que todas pudessem refletir sobre suas próprias vidas, encontrando pontos em comum que desconheciam.

Um dos aspectos entusiasmantes de qualquer experiência de grupo é o modo como, quando um indivíduo luta para se exprimir ou se debate com um problema pessoal ou sofre com uma nova descoberta que fez de si próprio, os outros membros o auxiliam (Rogers, 1970, p.41).

Esse movimento do grupo de capacidade de escuta, apoio e tentativas de encontrar soluções, demonstrou a capacidade deste grupo para seguir posteriormente sem as estagiárias. Sendo assim, percebe-se que a criação de um ambiente confiável, o autoconhecimento, o conhecimento do outro e o decorrente fortalecimento das relações, aconteceu rapidamente e de maneira eficaz com esse grupo, que já apresentava capacidade estrutural de se manter e lidar com situações difíceis. Percebe-se que as educadoras conseguiram aproveitar o espaço que foi destinado à elas, porém, considerando o pouco tempo de trabalho e que já nos últimos encontros surgiram algumas situações delicadas que não

puderam ser trabalhadas em toda sua profundidade, pode-se afirmar que as educadoras seriam beneficiadas com a continuidade de uma mesma proposta de trabalho.

O grupo B foi composto por 6 educadores, sendo 4 mulheres e 2 homens. Sabe-se que cada grupo, independente de fatores semelhantes, tem uma forma de funcionamento própria que reflete em cada um dos participantes naquele momento específico, por isso, apesar de ambos os grupos pertencerem a mesma instituição, e terem em sua composição profissionais de segmentos similares, apresentaram diferenças significativas o que resultou em uma proposta de intervenção diferente. O grupo B levou um pouco mais de tempo para a criação de uma identidade, pois houve maiores divergências de opiniões, além disso, os participantes demonstraram estar em momentos de vida diferentes e por isso apresentavam demandas distintas. Portanto, o ponto comum que poderia transpassar por todos os integrantes e que acabou se tornando o foco do trabalho foram as diferenças individuais e como elas podem ser articuladas de modo a ser aproveitado aquilo que melhor cada um tem a oferecer para a execução do trabalho. Percebe-se que é comum no início de um trabalho em grupo, ocorrer aquilo que

Rogers (1970) chama de fase da hesitação, "é o eu exterior que os membros têm tendência para mostrar, e só gradual, tímida e ambigualmente vão revelando algo do eu íntimo" (p.27). Para o autor, essas revelações pessoais podem causar estranhamento, o que foi possível ver durante os encontros iniciais com o grupo que se mostrava resistente no aprofundamento de algumas tarefas, como por exemplo, na mesma atividade de desenhar um objeto que representasse o momento atual, que fez com que no grupo A surgissem questões pessoais profundas de imediato, no grupo B apareceram questões mais superficiais a princípio, sendo possível perceber certa resistência por parte do grupo em aprofundar nas questões pessoais. Em grande parte dos encontros surgiu a questão profissional – pessoal e a (im)possibilidade de não misturar as duas esferas. Com as reflexões a própria equipe chegou a conclusão de que o ideal é buscar um equilíbrio, não tendo como separar completamente o pessoal do profissional, e reconhecendo que sendo a mesma pessoa, o que acontece em um âmbito da vida acaba influenciando em outro.

Além disso, ficou claro que o Grupo B se apresentou num processo de transição, entre essa fase da hesitação e o que Rogers (1970) considera ser a próxima fase esperada em um grupo, que é quando "a expressão de sentimentos começa a efetivamente por abranger uma parte cada vez maior da discussão" (p.28). O envolvimento dos educadores com o grupo foi crescendo a cada semana em que se reuniam com as estagiárias, além do envolvimento entre eles que também foi crescendo. De acordo com Rogers (1970),

Um facilitador pode desenvolver, num grupo que se reúne intensivamente, um clima psicológico de segurança no qual a liberdade de expressão e a redução de defesas progressivamente se verifique. Em tal clima psicológico, muitas das reações imediatas de cada membro em relação aos outros, e de cada membro em relação a si próprio, tendem-se a expressar-se. Desenvolve-se, a partir desta liberdade mútua de expressar os sentimentos reais, positivos e negativos, um clima de confiança mútua. Cada membro caminha para uma maior aceitação do seu ser global – emotivo, intelectual e físico – tal como ele é,

**PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL:
RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES**

incluindo as suas potencialidades”
(p.17)

Foi possível perceber que o grupo facilitou alguns diálogos que não ocorreriam em outra situação devido às funções diversas que cada um realiza, ou seja, além de um autoconhecimento, o grupo serviu para promover um conhecimento mais amplo sobre a equipe de trabalho. Notou-se em vários momentos as reações de surpresa com alguns relatos de outros educadores, em parte porque muito daquilo que estava sendo expressado por um dos membros era novidade para os outros, mas na maioria das vezes o que gerava surpresa era o fato das falas expressadas divergirem da imagem que o grupo tinha daquela pessoa, além disso, com o tempo os membros começaram a se identificar uns com os outros, o que gerava um sentimento de compreensão mútua e de apoio.

Houve mudanças por parte do grupo com relação a visão que cada um tinha sobre o outro, isso porque as atividades que foram realizadas possibilitaram a manifestação de ideias e sentimentos que não eram recorrentes no dia a dia, e com isso eles puderam começar a conhecer e até entender melhor um ao outro. Isso pode ser observado em atividade em que a resposta de uma

determinada educadora era oposta ao que todos no grupo esperavam ouvir, o que possibilitou ver o outro lado da pessoa que, na posição de líder que ocupava na instituição, não aparecia. “Há um movimento de feedback de uma pessoa para a outra, de tal modo que cada indivíduo aprende de que maneira é visto pelos outros e que efeito tem nas relações interpessoais” (Rogers, 1970, p.17).

Foi possível perceber que grande parte do trabalho foi destinado ao conhecimento do grupo, para que com isso, fosse criado um sentimento de confiança entre os participantes, logo, questões profundas de ordem pessoal só puderam aparecer nos últimos encontros, próximo ao encerramento do estágio, não havendo tempo hábil para que pudessem ser trabalhadas. Sendo assim, considera-se realmente benéfico a possibilidade da continuidade dessa proposta com esse grupo. Além disso,

Esta aprendizagem da experiência de grupo tende a transpor-se, temporária ou mais duradouramente, para as relações com cônjuges, crianças, estudantes, subordinados, colegas e até superiores que seguem a experiência de grupo. (...) Assim, num grupo destes, o indivíduo acaba por se conhecer a si próprio e a cada um dos outros mais

completamente do que o que lhe é possível nas relações habituais ou de trabalho. Toma conhecimento profundo dos outros membros e do seu eu interior, o eu que, doutro modo, tende a esconder-se por detrás da fachada. A partir daqui, relaciona-se melhor com outros, não só no grupo mas também mais tarde, nas diferentes situações da vida de todos os dias.” (Rogers, 1970, p.17 e 19).

Percebeu-se em ambos os grupos que com a proximidade do término dos encontros houve um maior envolvimento de todos e o surgimento de questões muito importantes, o que é uma reação considerada normal, ou seja, quando o grupo sabe que o encerramento do trabalho se aproxima acaba por trazer o máximo de coisas que pode, como uma tentativa de aproveitar ao máximo os últimos momentos, o que também indica a importância atribuída às atividades realizadas. Em ambos os grupos houve uma resposta positiva com relação ao estágio da Psicologia, o que pode ser percebido no relato de situações que os participantes traziam durante os encontros afirmando que eram decorrentes do trabalho do grupo, em falas de

agradecimento para as estagiárias e mesmo em pedidos para uma continuidade deste trabalho. Além disso, o próprio grupo considerou a necessidade de que num próximo momento o mesmo trabalho pudesse ser realizado unindo os dois grupos, para que se pudesse aumentar o conhecimento sobre toda a equipe de educadores, fortalecendo mais as relações entre eles.

Considerações Finais

O trabalho desenvolvido no estágio e relatado aqui trouxe reflexões importantes para a equipe executora em vários sentidos com relação ao trabalho na instituição, muitos foram os pontos positivos, a começar com o fato dos grupos terem sido formados com toda a equipe da instituição e não somente com os profissionais que atuam na sala de aula, proporcionando uma atuação da Psicologia de forma mais ampla e eficaz. Através do espaço criado para que os educadores pudessem cuidar de si, foi possível notar uma maior integração e fortalecimento das equipes, mal-entendidos puderam ser esclarecidos, os vínculos já estabelecidos foram fortalecidos e conflitos pessoais

**PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL:
RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES**

puderam ser elaborados. Além disso, o foco maior da intervenção foi o autoconhecimento e o conhecimento entre os membros do grupo, que acabou por gerar mudanças na forma de enxergarem uns aos outros, promovendo maior compreensão entre a equipe e respeito nas relações, ou seja, as atividades realizadas no grupo acabaram por influenciar diretamente no dia a dia de trabalho dos educadores.

O trabalho da Psicologia foi bem aceito e valorizado pela instituição, mesmo com o estranhamento inicial com o fato das atividades serem voltadas para os educadores no sentido de auxiliá-los com suas questões, e não para os alunos. Houve forte aderência ao grupo e grande participação dos educadores, que direcionaram às estagiárias várias respostas positivas com relação ao trabalho proposto fornecendo constantemente um feedback positivo. Para que os grupos possam

continuar sendo beneficiados com a atuação da Psicologia Educacional, sugere-se a continuidade do trabalho com os educadores nessa e em outras Instituições, priorizando sempre que possível que o grupo seja realizado com todos os educadores ao mesmo tempo, ampliando a possibilidade de crescimento de toda a equipe.

Pode-se dizer que os objetos também foram alcançados em relação às atividades pertinentes a um estágio e a aprendizagem que se pode obter dessa experiência. Foi possibilitado às estagiárias uma experiência dentro de uma realidade educacional com todas as suas potencialidades e desafios, favorecendo o crescimento profissional com as habilidades requeridas para a condução do trabalho e na possibilidade de aplicar a teoria e refletir sobre aquilo que foi vivenciado.

Referências

Andrada, E. G. C. (2005). Novos paradigmas na prática do Psicólogo Escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 196-199, 2005.

Carvalho, J. M. (2005), O não-lugar dos professores nos entre lugares de formação continuada. *Revista Brasileira de Educação*, 1(28), 96-108.

Emílio, S. A. (2004). A escola como um grupo e os grupos na escola. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo* 5(5), 24-28.

Failde, I. (2007). *Manual do facilitador para dinâmicas de grupo*. Campinas: Papyrus.

Foucault, M. (1987). *Hermenéutica del sujeto*. Madrid: La Piqueta.

Giongo, C., & Oliveira Menegotto, L. M. (2010). (Des) enlases da Psicologia Escolar na rede pública de ensino. *Psicologia USP*, 21 (4), 859-874.

Goulart junior, E. G., & Lioo, M. E. N. (2008). Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. *Psicologia em Estudo*, 13 (4), 847-857.

Leite, L. P., & Aranha, M. S. F. (2005). Intervenção Reflexiva: Instrumento de Formação Continuada do Educador Especial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 207-215.

Lipp, M. E. N. (2000). *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Murofuse, N. T., Abranches, S. S., & Napoleão, A. A. (2005). Reflexões sobre estresse e burnout e a relação com a enfermagem. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 13 (2), 255-261.

Rogers, C. (1970). *Grupos de Encontro*. (9a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Santos, E. R. F. et al. A Psicologia Educacional em interface com o social. *Associação Brasileira de Psicologia Social*, 1-8.

Sivieri-Pereira, H. O. O professor reflexivo e o autoconhecimento: contribuições da Psicologia para a formação docente. (2012). In: S. M. Barroso & F. Scorsolini-Comin

**PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL:
RELATO DE UM ESTÁGIO COM GRUPO DE EDUCADORES**

(Orgs.), *Diálogos em Psicologia: práticas profissionais e produção do conhecimento* (pp.93-106). Uberaba: Editora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Os autores:

Soares, P. G. & Araujo, C. M. M. (2010). Práticas emergentes em Psicologia Escolar: a mediação no desenvolvimento de competências dos educadores sociais. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14 (1), 45-54.

As autoras:

Roberta Espote é psicóloga pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: roberta.espote@hotmail.com

Fernanda Pavão Correia é psicóloga pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: fernandinha_pavao@hotmail.com

Helena de Ornellas Sivieri-Pereira é professora adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado em Educação) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Possui doutorado em Psicologia pela FFCLRP-USP (2008) e mestrado em Psicologia Escolar pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1999). Avenida Getúlio Guaritá, 159, Abadia, Uberaba, MG, CEP 38025-440. Telefone: +55(34) 3318 5904. E-mail: helena.sivieri@gmail.com